

A ARTE DO PRÓPRIO OLHAR... O OLHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA 9ª BIENAL DO MERCOSUL

Renata Lobato Schlee

Caroline Leal Bonilha

Raquel Silveira Rita Dias

RESUMO: O presente artigo detém-se sobre os textos reunidos em “uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul | Porto Alegre”¹, chamada de A Nuvem. Com apoio da página virtual do evento, analisamos de que maneira se dá a relação destes escritos com o aprendizado sobre Educação Ambiental a partir da discussão proposta pela curadoria e pelo projeto pedagógico do mesmo. Entendendo a Arte como artefato cultural midiático, buscamos problematizar de que maneira essa mídia cultural se propõe e se constrói no debate pertinente à Educação Ambiental. Este trabalho utiliza o campo de saber da filosofia pós-estruturalista, especialmente advindo dos estudos de Michel Foucault, Friedrich Nietzsche e Félix Guattari. Faz parte de uma pesquisa mais ampla onde analisamos quais os discursos vêm constituindo o campo da Educação Ambiental a partir de diferentes mídias.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Arte, Bienal, Estudos Pós-estruturalistas.

INTRODUÇÃO

As mostras de Arte organizadas no formato de Bienais, normalmente proporcionam exposições, intervenções, performances e eventos com abrangência e participações internacionais. A 9ª Bienal do Mercosul, que ocorreu em Porto Alegre/RS em 2013 na correnteza de grandes instituições, ofereceu um projeto pedagógico chamado Redes de Formação. O título tema do evento: *Se o clima for favorável*, aos nossos olhos propôs uma atmosfera de curiosidade e análise sobre as possibilidades de visibilidade de diferentes trabalhos em seu espaço-tempo, trazendo à tona questões relacionadas ao binômio natureza e cultura. A Fundação que organiza o evento tem por objetivo desenvolver projetos de Artes Visuais educacionais e culturais favorecendo o diálogo com a comunidade, ou seja, se propõe a aproximação entre a produção artística e o público de uma forma geral.

De acordo com o site do evento, a 9ª Bienal do Mercosul objetivava: “identificar, propor e direcionar mudanças nos sistemas de crenças e avaliações de experiências e inovações. (...) articular questões ontológicas e tecnológicas por meio da prática artística, da produção de objetos e dos pontos de intersecção da experiência com a Arte” (BIENAL, 2014, s/n). Estudando vários artefatos midiáticos, como cinema, revistas de variedades, histórias em

¹Organizada por Mônica Hoff com editoria de Luiza Proença e Ricardo Romanoff.

quadrinhos, campanhas publicitárias e letras de músicas no foco na produção discursiva da Educação Ambiental, encontramos recorrência ao tema relacionado à problemática ambiental. Nas últimas décadas a produção artística, seja ela musical, cênica ou visual², tem pautado de forma contundente a temática ambiental. Ao lermos os objetivos da 9ª Bienal do Mercosul notamos que estes vem na correnteza dessa emergência global em assuntos ambientais e buscam se posicionar como referência a uma verdade também emergente sobre a responsabilidade das pessoas em relação ao planeta, quiçá ao universo.

Esta edição da Bienal pode ser considerada um ambiente para defrontar-se com recursos naturais sob uma nova luz, e especular sobre as bases que marcaram distinções entre descoberta e invenção, assim como os valores de sustentabilidade e entropia. (BIENAL, 2013, s/n)

Entendemos que enquanto sujeitos, somos formados através das produções e construções culturais. Percebemos a Arte como uma fabricação cultural, onde cada grupo social vai lhe dar um valor e uma definição particular. Assumimos a ideia de que é no arranjo histórico de uma composição cultural, que os sujeitos, em espaço-tempo definido, se fazem ser enquanto potência criativa. A partir de Nietzsche entendemos a Arte como grande provocação à própria vida:

[...] enriquecemos todas as coisas com nossa própria plenitude: o que enxergamos, o que queremos, enxergamos avolumado, comprimido, forte, sobrecarregado de energia. Nesse estado, o ser humano transforma as coisas até espelharem seu poder – até serem reflexos de sua perfeição. Esse ter de transformar no que é perfeito é – Arte (NIETZSCHE, 2006. p. 68).

Assim, vamos entendendo a Arte como potência da ordem da vida, onde os gestos mais diferentes e cotidianos podem verter Arte. Na perspectiva proposta pelo filósofo alemão, descrevemos a potencialidade da Arte enquanto possibilidade de contrapor as verdades instituídas. Neste sentido, trazemos a Educação Ambiental como estratégia para focarmos o olhar diante das nossas mais diferentes manifestações. Aqui, nos cabe, algumas considerações sobre esse olhar lançado ao material *A Nuvem*, coletânea de textos lançados na 9ª Bienal do Mercosul. Queremos colocar em discussão a Arte enquanto potência de vida em diálogo com o campo do saber da Educação Ambiental que se propõe a analisar e refletir sobre nosso contexto socioambiental através de nossas formas de organização cultural.

ARTE COMO ARTEFATO CULTURAL

²Bienal del fin del mundo. Mostra de Artes Visuais que acontece em Ushuaia desde 2007.

Independente do espaço-tempo a que podemos nos referir, entendemos que o ato de viver pode ser traduzido como Arte, na medida em que há sempre uma relação estética. A vida vai transformando-se e manifestando-se em relações estéticas e comunicativas. Cotidianamente exercitamos nosso olhar em gestos que podem ser caracterizados como Arte: diferentes processos culturais, com diferentes olhares ou diferentes construções artísticas. O filósofo Michel Foucault trazendo a possibilidade de existência estética questiona o entendimento de Arte instituído na cultura ocidental.

O que me impressiona é o fato de que em nossa sociedade, a Arte se tenha tornado algo relacionado somente a objetos e não a indivíduos, ou à vida. Esta Arte é algo especializado ou fornecido por “experts” que são os artistas. Porém a vida de cada pessoa não poderia se tornar uma obra de Arte? Por que a lâmpada ou a casa pode ser uma obra de Arte e a nossa vida não? (FOUCAULT, 1995, p. 50) [grifo do autor].

Na esteira desse entendimento nos inquietamos sobre o que a Arte nos provoca e explorando o sentido da Arte em uma Bienal, chegamos a seguinte indagação: para que serve a Arte? Interrogação nada original, porém, profunda. Entendemos que é a partir da constituição de seus sujeitos que cada sociedade vai se apropriando de forma mais ou menos intensa da perspectiva ou do entendimento da Arte como Artefato cultural. Assumimos aqui, a este respeito a problematização proposta pelos Estudos Culturais (EC). Nos EC a cultura é vista de forma central, enquanto uma rede vivida de práticas e de relações sociais (Wortmann, 2012, p. 4). Esse entendimento, do qual compartilhamos, pressupõe a forte presença da cultura na constituição da identidade, na produção e no consumo, bem como na regulação das condutas sociais (ibidem). Portanto, as produções culturais são entendidas neste estudo enquanto artefatos. Esses artefatos culturais carregam em si uma pedagogia, no sentido de ensino. Esse ensino é por nós discutido a partir de algumas ferramentas da análise do discurso proposta pelo filósofo Michel Foucault. Somando-se este exercício analítico ao entendimento da Arte enquanto artefato cultural, propomos a reflexão sobre a forte presença que estas formações discursivas têm sobre o tema de nosso interesse, ou seja, cultura e meio ambiente. Nesse sentido, vale esclarecer que a intenção do estudo é problematizar as verdades instituídas, buscando ampliar as possibilidades de entendimento sobre natureza e cultura. Tema que vem se constituindo de forma marcadamente dicotômica. Ampliar essas possibilidades equivale a colocar algumas dessas verdades instituídas em suspenso. Extrapolar a relação simplista feita sobre a figura do homem e do meio ambiente que comumente é apresentada nos mais variados artefatos culturais.

Em eventos de grande porte como no caso desta Bienal, o que nos parece que está em jogo, especialmente no que tange a preocupação pedagógica, envolve processos de

disciplinamento dos sujeitos em produções discursivas, neste caso, sobre homem, meio ambiente, natureza e cultura. Entendemos a disciplina baseados no pensamento de Foucault que analisa a sociedade a partir da modernidade, como uma sociedade disciplinar, ou seja, organizada a partir do disciplinamento dos corpos. Foucault (2012) descreve este processo a partir de estudos focados nas “instituições de sequestro”, sejam escolas, hospitais, fábricas ou prisões. Estas instituições assumiriam a responsabilidade de normalizar o comportamento dos indivíduos, tornando-os corpos dóceis e preparando-os para viver dentro das regras estabelecidas. Esse disciplinamento acontece com a colaboração dos sujeitos, no sentido de que envolve jogos de poder, mas não violência. A isto equivale dizer que cada indivíduo aceita as regras e tem a possibilidade de transgredi-las, podendo com isto sofrer sanções. Por conta deste conhecimento e da aceitação necessários para o controle social, é que nos debruçamos sobre os discursos vigentes, pois entendemos que são eles que instituem a verdade de cada época. Nesta perspectiva, voltamos nosso olhar sobre os discursos, em especial os institucionais, que apontam algumas relações entre o homem e o meio ambiente como certas ou erradas.

Com o aumento da população e com os avanços no conhecimento tecnológico, temos um cenário mundial de crise. Essa situação somada a necessidade de convívio mais estreito entre culturas e ainda a presença efetiva de máquinas de toda ordem no cotidiano, trazem à tona o debate de questões relacionadas ao desenvolvimento, a natureza e a cultura. No âmbito dos eventos de Arte, esta é também a discussão latente, marcando presença no debate e propondo reflexões a respeito.

Os sujeitos se fabricam³e, em meio a tantas certezas e declarações de grandes princípios, onde as verdades são dadas como absolutas e universais ressaltamos a importância de problematizarmos nosso espaço-tempo contemporâneo, tornando-se pertinente o questionamento para que serve afinal, a Arte. Estas questões estão postas no trabalho ao qual nos dedicamos aqui, focado em um compilado de textos propostos antecipadamente aos envolvidos e interessados no evento que contava com o slogan: “Se o clima for favorável”, a 9ª Bienal do Mercosul. O material analisado traz doze textos produzidos em épocas distintas, tratando cada um de âmbito da cultura e/ou da natureza e ainda outros dois produzidos por curadores da própria Bienal do Mercosul. Os textos, apesar de tratarem de temas distintos, têm uma espécie de fio condutor que propõe uma reflexão especialmente sobre ciência, arte e

³ Utilizamos o termo fabricação por entender que somos produzidos, constituídos em meio a tramas sociais, marcadas que são por relações de poder, jogos de força e fabricação de verdades.

política relacionadas à cultura. Interessa-nos pensar no entrelaçamento dessas questões em nosso tempo.

Neste processo cultural dado pela modernidade, nossa forma ser e estar contemporâneo e ocidental caracteriza-se na crença de transformar o mundo, entendendo-o e dominando-o através da razão científica, assumimos uma posição de sujeito pouco interessada ou não disponível ao modo de ser e estar numa perspectiva estética coma vida. Contudo, ela está presente. A Arte como artefato cultural, também institui formas de ser e estar no mundo, também coloca em funcionamento uma operação de poder, onde algumas enunciações vão tornando-se potentes para a análise de formações discursivas como natureza e cultura. A 9ª Bienal do Mercosul, se mostra potente para esta articulação expressando nas mais variadas formas o binômio natureza e cultura e trazendo o público para vivenciar sua mostra.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE

Nesse movimento entendemos que a Arte, assim como a mídia de forma geral, entendida como artefato cultural, tem o poder de expressar muitas coisas. E exercita este poder de forma a se transformar em ferramenta para pautar as questões de seu tempo. Sendo a Arte, mesmo a institucionalizada, expressão de seu espaço-tempo, de que forma amplia-se o debate sobre as questões relativas ao meio ambiente, a partir de uma proposta temática como a realizada pela Fundação Bienal do Mercosul no ano de 2013? Analisando *A Nuvem*, exercitamos nosso próprio olhar como potencial de força artística e problematizamos o olhar dessa mídia sobre seu tempo, considerando sua participação na invenção das verdades deste momento histórico.

Assim, nosso olhar volta-se para *A Nuvem* sob foco da Educação Ambiental, que segundo Reigota:

[...] entre os desafios que se apresentam à Educação Ambiental contemporânea está o de ultrapassar os aspectos puramente biológicos (evolutivos) da biodiversidade e incorporar os seus aspectos antropológicos, culturais, econômicos e políticos (2010, p. 546).

A coletânea colocada aqui sob análise teve seu lançamento virtual e distribuição impressa durante o mês de maio de 2013, servindo de ponto inicial do trabalho pedagógico da 9ª Bienal do Mercosul e antecipando a mostra em si. Trata-se, segundo a própria organização, de uma importante ferramenta que põe em funcionamento as questões em debate na Bienal. Estas questões tem uma profunda ligação com debates do campo científico, questionando ou corroborando o discurso da ciência na contemporaneidade. No texto *A ciência e a ética da*

curiosidade de 2009, o autor Sundar Sarukkai descreve o comportamento da ciência em relação com a vida social e o quanto é complexa a teia de entendimento que pressupomos real. Essa realidade deriva em grande parte da formação discursiva da ciência.

A ciência tomada como um tipo específico de atividade (e de discurso) é frequentemente encarada como sendo independente da ética. (...) O exemplo mais comum é o da faca: ela pode ser usada para matar, mas também para outras finalidades úteis (SARUKKAI, 2009, p.123).

O autor aponta a dissociação que se costuma fazer entre ética e ciência. Mais adiante ele utiliza uma classificação interna ao campo da ciência, que são pesquisa pura e pesquisa aplicada e com isso, aponta a relação dos termos com conceitos predominantes em outras instâncias da vida. Entre outras utilizações do conceito, ele cita: “Do ponto de vista racial, a ideia de puro tem conotações significativas e deu origem a diversos desafios fundamentalistas para a sociedade.” (idem p.126). Em um outro texto, *A medição do mundo*, de Annette Hornbacher, temos a descrição do contexto atual, considerado ápice de uma crise ambiental sem precedentes. A autora aponta o domínio do discurso científico, enquanto projeto ocidental para a modernidade.

É comum definir-se a visão de mundo européia moderna pela sua compreensão objetiva e metódica da natureza. É importante ressaltar, porém, que esta não se fundamenta em nenhuma cognição racional, mas que reflete em primeiro lugar um programa cultural que só reconhece como sendo real o que é passível de explicação e manipulação racional, quer dizer, como uma relação de causa e efeito (HORNBACHER, 2008, p.40).

O filósofo tcheco Vilém Flusser escreveu em 1979 no texto intitulado *A lua*, a respeito do significado do satélite antes e depois da visita realizada pela NASA⁴ e televisionada para todo o planeta. O autor traz à tona as questões relativas à natureza e à cultura e o quanto é frágil o limiar que as separa, mesmo com a predominância do entendimento dicotômico que costumamos ter a respeito de ambas. Ele escreve sobre a dúvida de o homem ter, de fato, chegado à Lua:

(...) a Lua será ficção ou realidade? Menos razoável, porque é menos razoável duvidar da cultura que da natureza. Duvidar da natureza é razoável, se for feito metodicamente, porque resulta nas ciências da natureza. Mas duvidar da cultura (da TV e dos jornais) aparentemente em nada resulta. Já que a Lua passou (conforme TV e jornais) do campo da natureza para o da cultura, melhor é não mais duvidar dela (FLUSSER, 1979, p.30).

⁴Agência do Governo dos Estados Unidos da América responsável pela pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial.

De forma irônica, Flusser narra a credulidade que depositamos na mídia e apóia a visão sobre a qual desenvolvemos nossos estudos, entendendo as verdades instituídas como construções narrativas que delimitam e definem nosso entendimento de mundo, nos constituindo sujeitos de nossa época.

A Arte se mostra como uma linguagem potente e presente na constituição dos sujeitos e observando o material pedagógico da 9ª Bienal do Mercosul, problematizamos essa força criativa articulada ao olhar da Educação Ambiental. Esse campo de saber pode propor um olhar reflexivo, analítico e provocativo. Mais do que propositiva nos questionamentos, assumimos uma EA que tenderá preferencialmente a deslocar o interesse por respostas e verdades, e na contramão, ficará atenta ao quanto nos percebemos e nos constituímos através dos discursos. Assim, entendemos, torna-se muito mais pertinente pensar em como constituímos nossos discursos, nossas próprias perguntas e questionamentos.

A questão central desse artigo é: de que forma a potência da Arte nos ensina sobre ambiente, sociedade, natureza e cultura? Ou ainda, que ensinamentos sobre natureza e cultura estão em jogo dentro da proposta pedagógica do evento da 9ª Bienal do Mercosul?

Nas últimas décadas, os temas que tangem as preocupações com o ambiente e com a natureza, como aquecimento global, desaparecimento de espécies de fauna e flora, alimentação, descarte de resíduos, transformação de biomas, entre outros, tem movido a produção de artistas e também sido proposto como tema de exposições e mostras ao redor do mundo. A irreverência da Bienal do Fim do Mundo pode ser um exemplo, da qual já ocorreram três edições – 2007, 2009, 2011 – organizada nas ilhas Malvinas, território apelidado de “Fim do Mundo”, que apresenta o slogan: “Estar no fim do mundo e pensar que outro mundo é possível” (2009).

O filósofo francês Jacques Rancière ao tratar de Arte enquanto forma de resistência, nos lembra que a imagem do artista livre e rebelde é uma ilustração fácil e recorrente. Porém esclarece que “resistir é assumir a postura de quem se opõe à ordem das coisas, rejeitando ao mesmo tempo o risco de subverter essa ordem.” (RANCIÈRE, 2005, p.19). Desta ordem estabelecida, fazem parte o mercado e o poder público, ou seja, a dupla dependência da Arte na civilização ocidental. Portanto para Rancière, o artista não é nem mais nem menos rebelde do que as demais categorias da população.

Mais uma vez percebemos nos ensinamentos de Foucault (2002) a importância da problematização de como se constituem os discursos. Temos através do material pedagógico da 9ª Bienal, cenas enunciativas que dão visibilidade ao discurso de natureza e cultura, são impressões e expressões artísticas que constituem um discurso de natureza e cultura.

Debruçamo-nos a entender como esse discurso se formou e como se tornou verdadeiro na sociedade. Enfim, gostaríamos de evidenciar algumas condições de possibilidades e atravessamentos aí colocados. Tivemos sempre a preocupação de ficar no nível do próprio discurso, evidenciando algumas relações de poder que participam desta construção narrativa.

Num contexto de aprendizado, sistematizado ou não, o objeto ou obra artística tem uma responsabilidade social e política conferida que pode ser amplamente usada em convergência com os interesses da Educação Ambiental.

Barbosa nos diz que

[...] a Arte leva os indivíduos a estabelecer um comportamento mental que os levam a comparar coisas, a passar do estado das ideias para o estado da comunicação, a formular conceitos e descobrir como se comunicam esses conceitos. [...] seja para melhor se adequar ao mundo, para apontar problemas, propor soluções ou simplesmente para encantar, que é uma das formas de tirar você das mazelas do dia-a-dia (2009, p.03).

Assim, a Arte pode ser entendida como provocação política onde os sujeitos se fabricam a partir das relações com os discursos instituídos. No atravessamento dessa função possível da Arte com as questões do meio ambiente evidenciadas por *A Nuvem*, trazemos a Educação Ambiental enquanto um olhar possível para problematizar os discursos de natureza, cultura e meio ambiente.

A NUVEM

O curioso é que falar sobre o tempo é tipicamente considerado uma conversa casual, uma forma essencial de comunicação fática, a chamada 'conversa fiada', a menos que, claro, o assunto vire o aquecimento global.(CHONG CUY, 2013, p.09) [grifo do autor]

Vemos no excerto acima, o quanto a relação com algum tema ou assunto está dependente do espaço-tempo que se está inserido. Especialmente nas últimas décadas do século XX o tema meio ambiente passou a ser foco de interesse das mais variadas áreas sociais, estabelecendo-se enquanto campo de saber interdisciplinar e pautando produções inclusive voltadas ao entretenimento. Neste estudo, percebemos essas produções como artefatos culturais que desempenham importante papel no aprendizado dos sujeitos a respeito das verdades da vida.

Insistimos na Arte como artefato cultural que nos ensina e nos constrói, provocando e instituindo os discursos que nos constituem. *A Nuvem* traz a possibilidade apontada por Barbosa (2009), de novas vertentes para explorar o mundo. Além disso, vemos esse material pedagógico em articulação ao que vem sendo apontado nos discursos da Educação Ambiental. Questionamentos, reflexões, posicionamentos quanto ao cenário socioambiental contemporâneo. Abordagens que capturam pelo caráter catastrófico da atuação humana no

ambiente (VIEIRA e HENNING, 2013; HENNING, HENNING e GARRÉ, 2012) como também abordagens problematizadoras e até perspectivistas, como a do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2013) discorrendo sobre suas pesquisas junto aos povos do Alto Xingu. Diferentes olhares, importantes de serem abordados e estudados, visto o objetivo problematizador de nosso espaço tempo, que damos para a Educação Ambiental.

Ao nos depararmos com *A Nuvem* exercitamos nossa capacidade estética e comunicativa através da qual vamos afirmando, reafirmando ou, pelo contrário, nos descolando, desacomodando posições, conceitos e arranjos que nos constituem. Trazemos alguns exemplos que compõe essa coletânea. No material proposto pelo artista Walter de Maria temos um elogio, pouco comum, aos desastres ambientais:

Acho que os desastres naturais têm sido encarados da maneira errada. Os jornais sempre dizem que são ruins, uma pena. Eu gosto de desastres naturais e penso que talvez eles sejam a mais alta forma de Arte possível de experienciar. Não acredito que a Arte possa confrontar-se com a natureza. Coloque o melhor objeto que você conhece ao lado do Grand Canyon, das Cataratas do Niágara, das sequoias. As coisas grandes sempre ganham.[...] (DE MARIA, 1960, p.46)

Ao mesmo tempo e mais recorrente se faz abordagens como a de Annette Hornbacher, mostrando que

Ainda no século XIX iniciou-se – principalmente nos EUA – um movimento de defesa da natureza que levou à construção idealizada de uma natureza intocada pelo homem e carente de proteção. Esse movimento desembocou na criação de reservas naturais a salvo da exploração industrial, bem como na ideia de “povos naturais” que, como representantes dos primórdios da história da humanidade, conviveriam em harmonia com uma “natureza” eternamente em equilíbrio. Da mesma maneira que o conceito de “povo natural” demonstrou ser um mito eurocêntrico, a ideia da conservação da natureza também pode se revelar insuficiente (HORNbacher, A. 2008, p.38-39) [grifos da autora]

É recorrente hoje, encontrarmos em artefatos culturais ditos que demarcam a natureza e a cultura conservacionista. A autora refletindo sobre essa perspectiva levanta questões sobre o binômio cultura/natureza. No olhar da Educação Ambiental, campo do saber que vem problematizando as questões socioambientais, pautamos essa visão conservacionista e eurocêntrica como um processo cultural embasado no pensamento iluminista que marca a civilização ocidental.

A Nuvem consegue trazer para a discussão o papel da cultura nas formações discursivas, quando Vilém Flusser discorre sobre nosso entendimento de natureza e de cultura, reforça que isto está relacionado ao momento cultural que vivemos.

É que minha visão é deformada por um preconceito que faz parte do senso comum da minha cultura: tudo que é necessário e dispensável chamo “natureza”, tudo que é desnecessário e indispensável chamo “cultura”. Progresso é transformar coisas necessárias e dispensáveis em desnecessárias e indispensáveis. Natureza é anterior à cultura, e progresso é transformar natureza em cultura. Quando a NASA tocou a Lua e a transformou em plataforma, foi dado mais um passo em direção ao progresso. [...] Vejo agora, surpreso, que a Lua, longe de ser fenômeno da natureza em vias de transformar-se em cultura, é, e sempre foi fenômeno da cultura que está começando a transformar-se em natureza. Eis o que é, na realidade, cultura: conjunto de coisas necessárias que se tornam progressivamente mais indispensáveis. E eis o que é, na realidade, natureza: conjunto de coisas desnecessárias e dispensáveis. Natureza é produto tardio e luxo da cultura (FLUSSER, 1979, p. 35) [grifos do autor].

E também Bruno Latour (2011), discorrendo sobre o binômio natureza/cultura nos traz nossa impotência diante da solicitação de participarmos da crise ecológica. De forma até irônica discorre sobre a relação entre o sublime (forma como nos vemos na natureza) e a crise ambiental:

O mais estranho dessa distância abismal entre nossas pequenas preocupações egoístas de humanos e as grandes questões da ecologia é o fato de ela ser exatamente aquilo que foi tão *valorizado* por tanto tempo em tantos poemas, sermões e palestras edificantes sobre as *maravilhas da natureza*. Se todo esse aparato era tão maravilhoso assim, isso acontecia justamente por causa dessa desconexão: sentir-se impotente, maravilhado e totalmente dominado pelo espetáculo da “natureza” é boa parte daquilo que passamos a apreciar, pelo menos desde o século XIX, dentro do conceito de *sublime* (LATOURE, 2011, p. 51) [grifo do autor].

Ainda em *A Nuvem*, com Thomas Kuhn (1962) temos um texto onde fica o registro do quanto nossa forma de pensar provoca nossa forma de existir, onde as revoluções científicas mostram-se como revoluções dos sentidos, mudando nossa forma de perceber o mundo, e além, mudando o mundo em si.

A NUVEM NO OLHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Arte, enquanto conhecimento, se assemelha ao saber ambiental. Ambos irão se formar entre as disciplinas ou à margem delas. Um saber que estará sempre transgredindo os limites da disciplina, instaurando fronteiras e pontos de fuga (CARVALHO, 2006, p.45).

Citamos Isabel Carvalho, que ressalta as possibilidades de reflexão que a Arte pode gerar a respeito das questões ambientais: por ambas tornarem-se zonas de contato entre disciplinas e com isto afetar a vida de um modo geral. Nessa esteira, trazemos o campo da Educação Ambiental como verdade discursivamente instituída e também como possibilidade de olharmos e lermos o contemporâneo assumindo nossa posição de sujeitos marcados pelas relações culturais que estabelecemos.

Procuramos entender sobre o olhar da Educação Ambiental, como se dá a constituição desses sujeitos contemporâneos problematizando como e em que condições estabelecemos o que convencionamos chamar de verdade. Aceitamos o convite de Guattari (1995) quando nos provoca a pensar na força e produtividade que os discursos midiáticos geram na atualidade e como nos capturam e nos ensinam em nossa forma de ser e estar no mundo.

A Nuvem como artefato cultural nos atravessa e nos diz sobre o momento em que vivemos, nos colocando diante dos discursos de natureza e cultura. A Educação Ambiental pode ajudar na reflexão de nossa posição de sujeito assumida, possibilitando revisões, questionamentos, novas invenções em relação à crise ambiental, em relação ao binômio natureza/cultura. A Educação Ambiental pode problematizar nossa existência nos provocando em novas produções de existência humana, em novos contextos históricos, numa recomposição das práticas sociais e individuais. Assim também *A Nuvem* propõe através da vivência artística, experiências com o meio, pautando questões que despontam na contemporaneidade de forma latente e que nos ensinam modos de ser sujeitos diante os discursos de cultura e natureza.

Vale ressaltar a presença de outros artefatos culturais presentes na nossa constituição de sujeito. Apontamos para algumas pesquisas sobre o discurso de natureza na mídia do Brasil que deflagram uma forte dicotomia ao se referirem às questões ambientais. Esse binômio natureza/cultura aparece em variadas mídias analisadas. Garré (2012) analisa reportagens de uma revista de grande circulação nacional e aponta que através do terror e do medo pela perda do planeta, inventa-se uma fronteira entre o que seria da ordem da natureza e o que seria da ordem da cultura. Em estudos relacionados a produção musical, Vieira (2013) aponta para demarcações fortemente antropocêntricas presentes nas letras de rock na roll. Ainda no cinema de animação (HENNING, HENNING e GARRÉ, 2013) vemos repetir-se uma produção discursiva que tende a culpabilizar tudo o que for cultural em relação à natureza. É recorrente a leitura dicotômica nos personagens presentes nos filmes, a posição de herói é relacionada à ordem da natureza (seja um animal, alguém que vive na selva ou no campo etc), enquanto que ao vilão cabem as características adquiridas pela cultura (o sujeito que mora na cidade, caçadores, empreendedores, etc). Ressaltamos que não há intenção, neste estudo, em realizar juízo de valor sobre tais discursos. Apenas buscamos analisar de que forma os discursos se instituem, arraigando crenças e cristalizando verdades em nossa sociedade.

Portanto ao trazermos *A Nuvem* enquanto artefato cultural que participa da formação dos sujeitos contemporâneos buscamos uma interlocução com a Educação Ambiental, esta

entendida enquanto a possibilidade de novas práticas sociais e individuais. Essa articulação nos parece bastante potente, tendo em vista que o olhar artístico sob os aspectos comuns do cotidiano amplia as possibilidades de leitura ao propor novas conexões na relação das pessoas consigo, com o social e com o ambiental.

O que vamos potencializando é a capacidade de exercermos nosso olhar aos gestos diários de nossas vidas que podem ser traduzidos como Arte. Essa potência caracteriza diferentes olhares e construções artísticas dentro da história humana. Nessa perspectiva entendemos que o material analisado propõe um importante exercício para a reflexão em Educação Ambiental.

Referências

BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul. **Redes de formação**. 9ª Bienal do Mercosul. 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

CARVALHO, Isabel C. M. – **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico** - São Paulo: Cortez, 5ª edição. 2011.

Castro, Eduardo Viveiros. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro, 2013. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

CHONG CUY, Sofía Hernandez. Sobre nuvens e perturbação atmosférica, 2013. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

DE MARIA, Walter. Sobre a importância dos desastres naturais, 1960. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

FLUSSER, Vilém. A lua, 1979. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir** – História da violência nas prisões. 40ª ed. *Petrópolis*/ RJ – Vozes, 2012.

GARRÉ, Bárbara Hees. **A Produção Discursiva da Educação Ambiental na revista Veja**: modos de constituir-se sujeito na atualidade. 2012. 59f. Proposta de Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio grande, 2013.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias** 5ª ed. São Paulo: Eitora Papyrus, 1995.

HENNING, Paula Corrêa; HENNING, Clarissa Corrêa; GARRÉ, Bárbara Hees. Educação ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, Giovana (org.) **Cinema, educação e ambiente**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

KUHN, Thomas. As revoluções como mudanças de concepção do mundo, 1962. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

LATOUR, Bruno. Esperando Gaia. A composição de um mundo em comum por meio da Arte e da política, 2011. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

RANCIÈRE, Jacques. Será que a Arte resiste a alguma coisa? In: LINS, Daniel (org). **Nietzsche e Deleuze**. Arte e Resistência. Forense Universitária; Fortaleza. 2007.

RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Aprendendo a amar a Ciência na animação 'Sid, o Cientista'**. In: *Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (IX ANPEDSUL)*, Caxias do Sul (RS), 2012.

SAMPAIO, S. M. V. **“Uma floresta tocada apenas por homens puros...”** Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia. 2012. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

SARUKKAI, Sundar. A ciência e a ética da curiosidade, 2009. In.: HORNBACHER, Annette. (org). **A Nuvem**. Porto Alegre: BIENAL. Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2013. Disponível em <<http://9bienalmercosul.art.br/pt/redes-de-formacao/>> Acesso em 29 de outubro de 2013.

VIEIRA, Virgínia Tavares. **O Discurso da Crise Ambiental nas Letras de Rock and Roll: modos de ser sujeitos em tempos contemporâneos**. 2013. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio grande, 2013.